

ACS faz alerta: projetos parados retardam o desenvolvimento

O presidente da Associação Comercial de Santos, Roberto Santini, defende mais agilidade na execução de obras

MARCELO SANTOS
DA REDAÇÃO



Uma região estratégica para a logística do País, a Baixada Santista está praticamente paralisada por uma série

de projetos de infraestrutura que não saem do papel. O alerta é do presidente da Associação Comercial de Santos (ACS), Roberto Clemente Santini, também diretor-presidente da TV *Tribuna*. O Fórum da Indústria da Construção de Santos e Região (Ficon), evento do Sistema A Tribuna de Comunicação, terminou ontem no Mendes Convention Center com um debate entre os prefeitos da região. Os acessos às cidades, que dependem de obras de infraestrutura, foram o tema principal.

Pouco antes do debate, Santini fez um apelo para que as autoridades olhem com atenção às obras que não saem do papel. “Nosso sentimento é de angústia, nossa preocupação é coletiva, não dá mais para esperar”, afirmou.

Santini mencionou como mais urgentes os projetos que agregam valor à economia da região e dão mais conforto à população, como os aeroportos de Guarujá e Praia Grande, a reformulação da entrada de

Alerta

“Todos os empresários associados à ACS são favoráveis à implantação do atual projeto do túnel submerso, obra fundamental para a comunidade portuária. Mudar agora significa retardar, adiar mais uma vez, o que não interessa a ninguém. Temos um projeto, vamos partir para a execução”.

Roberto Clemente Santini, presidente da ACS e diretor-presidente da TV *Tribuna*



ALBERTO MARQUES

Santos, o Mergulhão do Porto de Santos, o Porto Valongo, o VLT e o Túnel Santos-Guarujá.

Segundo o presidente da ACS, esses projetos são inadiáveis e poderiam avançar não só o desenvolvimento da Baixada Santista como o do Estado de São Paulo e do Brasil.

No caso do Aeroporto de Guarujá, Santini lembra que se reuniu com os prefeitos da região em 1998 para discutir o projeto e que uma semana depois o grupo foi recebido pelo Ministério da Aeronáutica em Brasília. Após esses anos todos, apesar do procedimento burocrático ter evoluído, a obra ain-

da não saiu do papel.

Já o Aeroporto de Praia Grande, diz Santini, é de 2007 e no ano passado o projeto ganhou aprovação do Conselho Estadual de Meio Ambiente. “Quando todos imaginávamos que a obra iria ser iniciada, nova paralisação, desta vez por questões ambientais”.

A maioria desses projetos citados têm uma característica em comum: são constantemente alterados, o que só amplia os prazos de execução.

“Os projetos têm que ser planejados e bem elaborados, evitando mudanças frequentes que na prática só retardam a execução”, defendeu Santini.

Ligação pelo Estuário está no papel há seis décadas

Entre os projetos que nunca saem do papel, o do Túnel Santos-Guarujá é o mais emblemático. Esse empreendimento foi proposto pela primeira vez nos anos 1950. A demora é tamanha que a região já necessita não só de uma, mas de uma segunda ligação via Estuário.

Santini afirma que na terça-feira conversou com executivos dos terminais portuários e eles apontaram o túnel submerso como investimento prioritário para o Porto.

Mas Santini ressalta que esse projeto padece do mesmo mal dos outros empreendimentos prometidos – as mudanças constantes. A ideia de construção do túnel foi substituída pela ponte e agora é novamente um túnel.

Porém, Santini alega que já é hora de começar a debater uma segunda ligação Santos-Guarujá. “Não podemos nos dar ao luxo de retardar o desenvolvimento da nossa região”.

O empresário destaca também outra reivindicação do setor portuário que está eternamente no papel – o Mergulhão (passagem subterrânea no Valongo).

“De tempos em tempos o que se ouve é mudança ou adaptação de projeto. Primeiro o mergulhão teria cerca de 1.300 metros: depois cerca de 700 metros e até agora não se chegou a uma decisão”.

“E o mais grave: só há cerca de R\$ 300 milhões para uma obra que custará pelo menos, segundo estimativas oficiais, cerca de R\$ 700 milhões”, lamentou Santini.